

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e
todas estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Em 2008 Samuel L. París publicou o seu *Manual da destrución* no
netlabel A Regueifa, e todos os que o lêrom coincidirom em que é um poeta que promete.
A nós prometera-nos uma colaboraçom para este espaço e velaí a tendes.



Por um momento pare e leia este texto e nom pense

por Samuel L. París

Todos os momentos aguardavam preocupados a reso-
luçom da assembleia.

O momento em que o semáforo passa a verde e che
pita quem tens detrás nom era quem de conter os ner-
vos. Polo corredor caminhavam juntos o momento em
que che dim que morreu um curmao que nom conheces
e o momento em que o messias anuncia a sua demissom.
A tensom era a normal para unha ocasiom como essa.

Os filhos de todos os momentos jogavam na porta do
recinto a se desenhar o bigode de Xulio Valcárcel. Era
outono e pode que também fosse verao.

Abriu-se a porta e aparecérom o momento em que
metes o pé no mar pola primeira vez e o momento em

que o teu moço pom unha escusa para sair com a sua
última ex. Sentárom diante dos assistentes nas suas res-
pectivas cadeiras com ares de solenidade próprios da
idade (que, claramente, rimam em consoante). Todos
olhárom-se acordando guardar silencio. Chs-chs-chsss...
(dixêrom para se fazer calar). Chsss... (alguém abriu
umha lata de birra). Começou a falar o momento em
que metes o pé no mar pola primeira vez:

-Companheiras e companheiros, a pressom a que nos
estamos a ver submetidos a cotio por parte das autorida-
des, que todo o relativizam, a respeito da importância
subjectiva que temos os momentos é insuportável -o
recinto em que se realizava a assembleia tinha sopor-
tais, observe-se o jogo léxico estabelecido polo autor
neste momento-. Porém, nom é desconhecido por nós

que há muita imbecilidade sobre a poética e o lirismo de
tais aspectos, algo que, em suma, converte esta situa-
çom em insustentável. Dito tudo isto, a única saída que
vemos para a nossa problemática é convocar umha
greve indefinida daqui até ao fim dos dias todos.

Aplausos. Apertas entre momentos camaradas.
Champanhe nas diferentes dependências do recinto.
Que corra a voz! Que voz? A da Galiza, nom! A de verda-
de! A voz dos momentos unidos e unidas! Que o saibam
as autoridades! Os momentos temos o poder pola maol!
Somos mais!

Deste jeito, e só deste jeito, foi como o momento em
que o semáforo passa a verde e che pita quem tens
detrás durou para sempre. Para sempre também durou
o momento em que nom cabe mais nada no caixote do
lixo (que também existe) e mais o momento em que te
corres onde, quando e com quem nom debes.

E, claro que sim, também durou até o infinito o
momento em que os e as amantes se dim por baixo dos
lençóis da cama, mentres se miram nos olhos, que que-
reriam que esse momento durasse para sempre, porque
pensavam que nom ia durar para sempre.

E, hóstia, agora que esse momento vai ser eterno, paga-
riam o que fosse por se voar os miolos e acabar dumha vez
por todas com tanta estupidez e tanta puta parvada.

